

entrevista com **Rodrigo Gurgel**

por **Herasmo Braga**

Rodrigo Gurgel é ensaísta e crítico literário do jornal Rascunho desde 2006, autor de “Esquecidos & Superestimados” e “Muita Retórica – Pouca Literatura (de Alencar a Graça Aranha)”, publicados pela Vide Editorial. Leitor crítico de editoras e agências literárias (presta serviços também a particulares), editor freelance e colunista do site Mídia Sem Máscara, Rodrigo Gurgel escreve, ocasionalmente, para outras publicações, impressas ou na web, como as revistas *Dicta & Contradicta* e *Sibila*. Também trabalha como coach literário, assessorando escritores na escrita ou reescrita de suas obras. Jurado do Prêmio Jabuti de 2009 a 2012, Gurgel ganhou notoriedade em 2004, quando foi escolhido como um dos dez vencedores do Concurso de Contos “Caderno 2”, do jornal *O Estado de S. Paulo*, dedicado aos 450 anos da cidade de São Paulo.

Herasmo Braga | Como se deu sua formação?

Rodrigo Gurgel | Não há um início preciso – e muito menos um período ou local determinados. Nasci numa família de leitores, gerações de leitores. Na pequena biblioteca de minha avó paterna descobri Flaubert, “As mil e uma noites”, Thomas Hardy e outros. Aos domingos, meu pai lia religiosamente *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*; e me fazia ler os textos que considerava interessantes ou bem escritos, cuja argumentação o impressionava. O tempo que passei na universidade não foi de todo perdido, principalmente porque tive duas professoras brilhantes: Samira Chalhub, de Teoria Literária, e Anna Maria Marques Cintra, de Língua Portuguesa, atual reitora da PUC-SP. Mas minhas visitas cotidianas ao Gabinete de Leitura Ruy Barbosa, em Jundiá, minha cidade natal, têm igual importância, ou a formação básica que recebi no colégio, com dois professores inesquecíveis: Ivanira Dadalt e Paulo Vieira.

Herasmo | Como você analisa a crítica literária hoje?

Rodrigo | A crítica deveria procurar um caminho que pudesse salvá-la do discurso hermético, cultuado nas faculdades de Letras, do medo de julgar e do relativismo cultural. Alguns jovens críticos estão tentando fazer isso.

Recomendo que prestem atenção nestes nomes: Cristiano Ramos, Eduardo Cesar Maia, Fabio Silvestre Cardoso, Marcos Pasche, Martim Vasques da Cunha e Peron Rios. Nos próximos vinte ou trinta anos eles ditarão os rumos da crítica no Brasil.

Herasmo | E a educação formal, principalmente, nos cursos de humanas e letras?

Rodrigo | A educação formal brasileira serve, de forma imperfeita, à necessidade de abastecer o mercado de trabalho. Enquanto estivermos sob a hegemonia dos paulofreirianos e dos construtivistas, a escola continuará a cumprir mal inclusive o seu papel burocrático. Entretanto, é evidente que, à sombra da ampla maioria medíocre, surgem homens brilhantes, cuja sede de conhecimento não se deixa prender nos moldes estreitos da universidade. Ou seja, eles são brilhantes *apesar* da universidade. Quem os salva, quase sempre, é a família – os pais que não abdicaram do dever de formar seus filhos – e o esforço próprio.

Herasmo | Quais os autores que contribuíram para sua formação e por quê?

Rodrigo | Devo muito, no âmbito da crítica literária, a Edmund Wilson, Otto Maria Carpeaux, Lionel Trilling, Northrop Frye, Álvaro Lins e vários outros. Eles me libertaram do formalismo emburrecedor e da visão monista da obra literária e da realidade.

Herasmo | Dentro das produções literárias atuais quem você destacaria de positivo e de negativo e por quê?

Rodrigo | Não responderei. Já bastam os inimigos que tenho sem querer.

Herasmo | E quais autores você julga o(s) mais injustiçado(s) da nossa tradição literária brasileira? Por quê?

Rodrigo | Raul Pompeia é extremamente injustiçado exatamente por ser superestimado. Quando agirem de forma justa em relação a Pompeia, ele e sua enfadonha eloquência bacharelesca serão esquecidos. Afirmo o mesmo em relação ao pedante Graça Aranha. Já Coelho Neto, que foi massacrado pelos modernistas, tem trabalhos pontuais que merecem ser relidos com atenção.

Herasmo | Como você analisa as questões entre literatura e política? Você pode especificar qualquer linha tais como formação do cânone, política de autores, publicidade das obras, formação do campo literário dentro da ótica de Bourdieu?

Rodrigo | Sempre que a literatura se alia à política, ela se torna sua escrava. Quando a literatura encampa o discurso de um partido, de um movimento, de um governo, ela se transforma em mero panfleto. Pode servir à doutrinação e até mesmo enriquecer o escritor – mas pagará sua submissão, no futuro próximo ou distante, com o esquecimento.

Herasmo | E a questão da crítica de rodapé. Você a toma como extinta?

Rodrigo | Nos moldes em que existiu em nosso país, sim. Na há mais espaço, na imprensa diária, para esse tipo de texto. Ele só será encontrado em publicações específicas.

Herasmo Braga é ensaísta e professor da Universidade Estadual do Piauí, UESPI. Autor do livro *A singularidade da poesia negra brasileira: Luiz Gama*.